

Andre Filúr

# Encruzilhada

Conceito - Concept



# Sobre

## About

A encruzilhada é um ponto de passagem, um espaço de escolhas e transformações. É onde o tempo se dobra, onde passado e futuro se tocam, onde novos caminhos se abrem. Mais que um lugar físico, é um estado de travessia—de quem se move, de quem ousa, de quem constrói novos rumos.

Nesta série, embarcações surgem como símbolos desse fluxo incessante. Elas navegam entre margens, cortam águas que carregam histórias, memórias e mistérios. São corpos em deslocamento, testemunhas do tempo e do vento, conduzidas por forças invisíveis.

A encruzilhada não é um ponto final nem um começo—é o instante em que tudo está por se refazer. Um convite para partir, permanecer ou transformar. Pois toda escolha é uma travessia, e cada passo risca novos mapas sobre o horizonte.

Mas há também encruzilhadas invisíveis, inscritas na linguagem. Palavras são territórios de disputa—algumas libertam, outras aprisionam. Há palavras que atravessam tempos e culturas carregando histórias, e há aquelas que foram silenciadas, marginalizadas pelo preconceito. Quem decide quais palavras devem ser ditas e quais devem ser esquecidas? O que nomeamos molda o mundo que habitamos, define as margens entre o aceitável e o proibido.

Nesta travessia, recuperar palavras, resignificá-las e dar-lhes novos sentidos é um ato de resistência. Como as embarcações que cruzam rios e oceanos, as palavras também navegam, transportam memórias e criam passagens. E na encruzilhada da linguagem, a escolha entre silenciar ou dar voz pode ser o que define os rumos do horizonte.

- - -

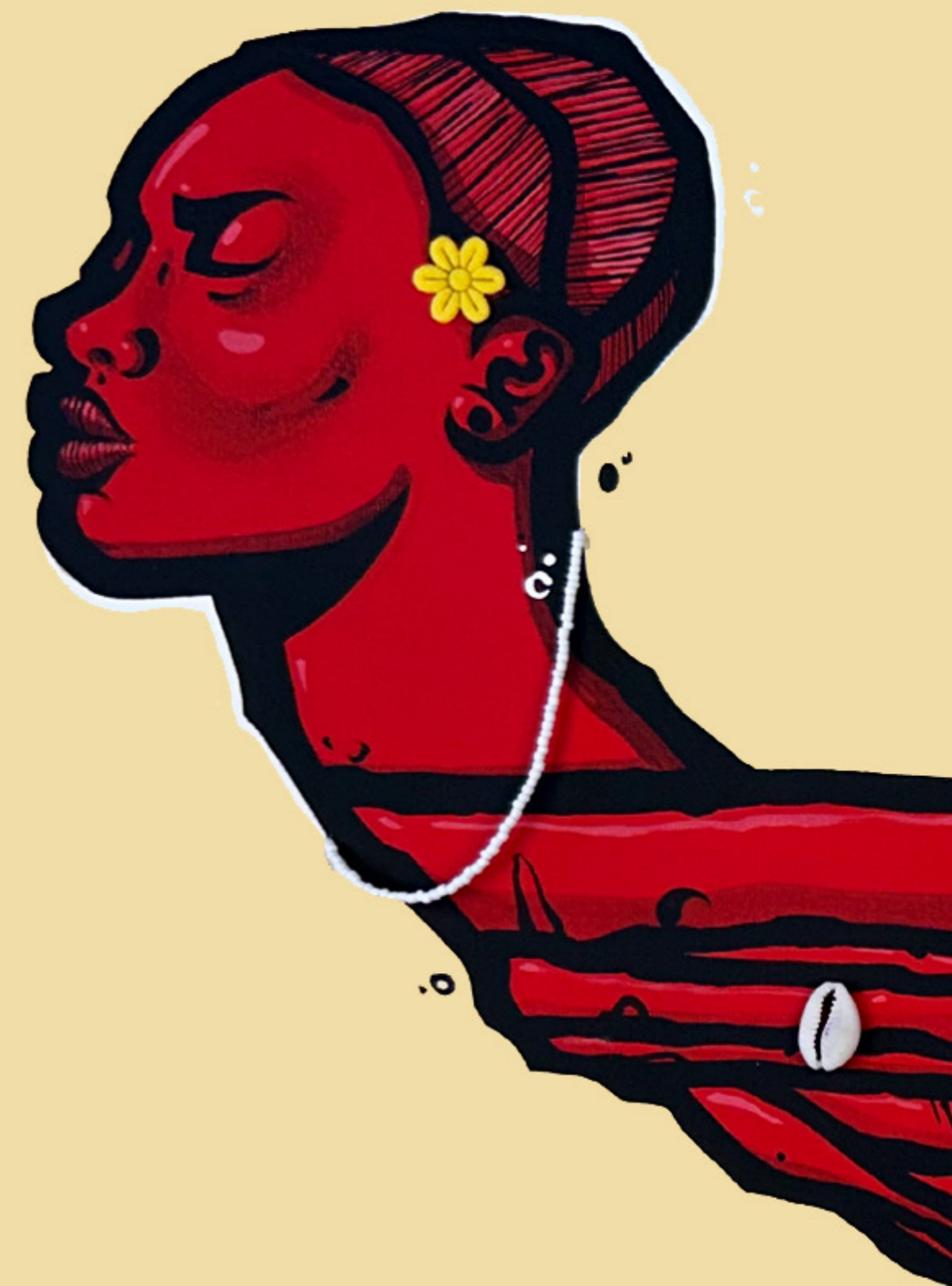
The crossroads is a passage point, a space of choices and transformations. It's where time folds, where past and future touch, where new paths open. More than a physical place, it is a state of crossing—of those who move, who dare, who forge new directions.

In this series, vessels emerge as symbols of this incessant flow. They navigate between shores, cut through waters that carry stories, memories, and mysteries. They are bodies in transit, witnesses of time and wind, guided by invisible forces.

The crossroads is neither an endpoint nor a beginning—it is the moment when everything is about to be remade. An invitation to depart, to remain, or to transform. For every choice is a crossing, and every step draws new maps on the horizon.

But there are also invisible crossroads, inscribed in language. Words are territories of dispute—some liberate, others imprison. There are words that cross times and cultures carrying stories, and there are those that have been silenced, marginalized by prejudice. Who decides which words should be spoken and which should be forgotten? What we name shapes the world we inhabit, defines the borders between the acceptable and the forbidden.

In this crossing, recovering words, re-signifying them, and giving them new meanings is an act of resistance. Like vessels that cross rivers and oceans, words also navigate, carry memories, and create passages. And at the crossroads of language, the choice between silencing and giving voice may be what defines the directions of the horizon.





Contato  
Contact